

Tecnologia, educação e mitos

A rápida disseminação social de equipamentos portáteis de computação, com funções ampliadas e preços reduzidos, é um fenômeno de amplas consequências. Seu impacto atinge de forma intensa tanto os jovens quanto os responsáveis pela educação deles. Ao mesmo tempo, surgem especialistas que dizem saber como fazer as escolas aproveitarem essa onda tecnológica. Olhando esse momento especial com a devida atenção, vemos mais mitos do que realidades sendo constituídas na relação da educação escolar com as novas formas de tecnologia digital.

Há quem diga que a escola irá desaparecer num horizonte não distante - partindo do pressuposto de que não há papel indispensável da escola. Presume-se que a tecnologia dispersa por todos os espaços oferecerá ensino e inter-relacionamento, mesmo que virtual, a todos, sem as paredes físicas do estabelecimento escolar.

Em visita recente a uma escola no Vale do Silício, encontrei crianças com laptops rodando o Google Earth em seus navegadores. Faziam viagens virtuais e produziam trabalhos simples, mas visualmente bonitos, sobre a geografia de seu país. Para alguns

educadores que observavam a cena, o futuro da educação poderia ser antecipado como um aprofundamento daquilo que aqueles estudantes faziam em seus ágeis computadores.

Por mais que nos encantem as novas tecnologias, a forma intensa de ocupar o tempo dessas crianças em espaços virtuais pode significar mais perda do que ganho. O prazeroso estímulo dos “quase jogos” que eram praticados pelas crianças ocultava o fato de que atividades essenciais podem estar sendo preteridas, já que há coisas substanciais para serem produzidas pelas escolas que não dependem da tecnologia.

O encantamento que jovens clicando com agilidade nos mouses exerce em educadores - especialmente os não habituados ao mundo digital - é fácil de ser entendido. Quem se espanta com teclados e mouses, emails e redes sociais certamente verá naqueles pequenos estudantes pessoas capazes de fazer mágica.

Na realidade, não há nisso mágica alguma. Não há nada de espantoso naquilo que os jovens fazem em seus laptops. Sem muito esforço, conseguiremos encontrar crianças de 2 ou 3 anos manejando com naturalidade a tela de um iPad antes mesmo de terem qual-



©Scott Hancock/PhotoXpress

quer comando seguro sobre um lápis ou caneta. É até fácil achar crianças, com um pouco mais de idade, pesquisando na internet antes de qualquer escola lhes ensinar. Tudo, para elas, tão trivial como brincar com videogames. Os pais, orgulhosos de seus gênios, nem sempre percebem que aquilo ocorre também em muitas outras casas.

Crianças nascidas nesse mundo digital não dependem da instrução formal escolar para dominar aquilo que aprendem praticamente sozinhas, sem esforço e com prazer. Os novos programas



de computadores e iPads usam a mesma lógica dos joguinhos - são feitos para serem entendidos de forma autoinstrutiva.

Mas essas crianças ainda dependem da educação escolar para adquirir um eixo de conhecimentos, para saber o que buscar e percorrer, precisam de uma escala de relevâncias. Dependem de outras pessoas que lhes sirvam de guia e referência. Não se recebe inspiração de avatares - todos são vacuamente equivalentes. O lugar para receber rumos e inspirações é a escola, lugar privilegiado para isso, com pessoas

reais interagindo diretamente com pessoas reais.

Cuidado, entretanto: a escola pode também se perder. Um programa do canal GNT, Nação Digital, apresenta pesquisadores vindos do mundo digital, questionando mitos relativos ao uso intensivo da tecnologia e da internet na educação. Um dos quadros mostra estudantes que passaram a utilizar laptops livremente em aulas no MIT, o maior centro de tecnologia do mundo. Com a atenção constantemente desviada da aula para o que ocorria em suas telas, o rendimento deles despencou.



Carlos Eduardo Bindi*

Educar é ir além da óbvia manipulação do computador e das divertidas viagens pela internet. É evitar caminhos aparentemente rápidos, simples e sedutores. Não há atalhos para construir uma base sólida de conhecimentos referenciais. Mesmo quem usar a tecnologia para essa construção terá de, antes de tudo, estabelecer disciplina e fugir das navegações aleatórias.

Acreditar que a capacitação do jovem pode surgir de um estalar (ou deslizar) de dedos é uma ilusão. Somente assumindo o papel de centralizadora do processo educacional a escola fará mais do que o acaso na criação de pessoas preparadas, com uma base cultural firme, para com ela desenvolver o novo.

Para se transmitir realmente o conhecimento e ir além, é preciso - com o perdão do termo - ralar muito. Isso envolve pessoas, muito discernimento e rotas previamente definidas. Não bastam alguns cliques.

Escolas vão durar muito. A menos que sejam devoradas por mitos charmosos, mas improdutivos. ■

*Educador e diretor do Sistema Etapa

www.sistemaetapa.com.br